



O Galato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 13 de Janeiro de 1979 * Ano XXXV — N.º 909 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

Talvez porque ocorrerá no próximo Novembro o 20.º aniversário da **Declaração dos Direitos da Criança**, as Nações Unidas proclamaram 1979

Ano Internacional da Criança. Uma efeméride tão longamente exposta à atenção dos homens do mundo inteiro denuncia a importância da reali-

dade a que diz respeito: a Criança.

Na verdade, se aos responsáveis de cada geração compete deixar à vindoura um mundo melhor, por que outro modo se pode enriquecê-lo mais do que entregando-o nas mãos de homens melhores?! O Homem é o valor supremo e a finalidade de quanto Deus criou. Todo o que se assume e faz render ao limite da sua medida as potencialidades da Natureza Humana é um valor sem termo de comparação: nem todo o ouro, nem todas as pedras preciosas valem um homem.

E no entanto os homens jogam-se como ninharia por causa do ouro e do poder que ele simboliza. Vêm-se jogando assim desde Caim e Abel, sem indícios notórios de conversão. Este é o contexto em que as crianças nascem e crescem. Quando adultos encontram-se envolvidos pela teia que o homem-lobo teceu e reproduzem outra vez o jogo e enredam ainda mais os laços em que cairá a geração seguinte. Tem sido esta fatalidade! Com tanto de bom e de belo que o mundo tem para lhes dar, não podemos dizer que as crianças de hoje são mais felizes que as de séculos passados nem que o horizonte lhes anuncia a alvorada

de um futuro mais risonho.

A **Declaração** dos seus direitos é uma séria voz que se levanta. Nos seus breves considerandos, confessa que «a humanidade deve dar à criança o melhor de si própria». O nosso Fernando Pessoa diz que «o melhor do mundo é a criança». A identidade aparece evidente: o melhor de si própria que a humanidade pode dar à criança, são as virtudes próprias dela: a bondade, a inocência, a espontaneidade para confiar e se dar, o encanto, a ternura que dela se evola. É esta a meta que os

homens têm de se propor na sua caminhada no tempo, «a fim de que a criança tenha uma infância feliz e beneficie, tanto no seu interesse, como no interesse da sociedade, dos direitos e liberdades que a Declaração enuncia».

O Ano Internacional da Criança é, antes de mais, um desafio aos adultos, aos responsáveis, a uma reflexão sincera que os determine a uma mudança de conceitos e de vida.

Próprio do Homem, no plano divino, é que seja irmão dos homens; não ciumento, não invejoso, não rival, não lobo. O melhor de si própria que a humanidade tem para dar à criança é furtá-la ao espectáculo destes sentimentos negativos e tão desgraçadamente comuns,

Cont. na 4.ª pág.



O nosso Fernando Pessoa diz que «o melhor do mundo é a Criança».

AGORA

«Meu caro amigo.

Ao ler no jornal O Galato «Habituação — Problema Primeiro», li o seu caso e vários, os quais me chucaram bastante.

Mas não sei por quê o seu caso me levou a um ponto de cumução que me penetrou mais no fundo do coração. Talvez ao relembrar-me do meu passado, que durante 30 anos o meu sonho perdilecto era ter um lar próprio, chegou esse dia graxas a Deus, trabalhando intencamente. Privei-me de fumar, de pazeios, divertimentos, mas sempre com muita fé, e com a ajuda de Deus. E também com a ajuda de quem facilitou o pagamento do respectivo terreno.

Fôï assim que eu consegui constroir o meu lar que tanto dezeitava ter. Portanto tenha fé em Deus, e nele deposite confiança total, verdadeira, pedindo-lhe que vos dê saúde e paz para que na verdade possam trabalhar. Pôis fôï desta maneira que eu consegui ter o meu lar. Meu caro amigo sou um hoperario c/ 53 anos, sou cristão e entrego todos os meus problemas mais difíceis a Deus e êle tudo tudo me tem resolvido. Mas não esqueçamos que nem tudo são rosas. Tende animo.

Eu como crente confiante em Deus, vou pedir-lhe que vos ajude no vosso sônho que

tambem ôtrôra fôï o meu, e com a benção de Deus o consegui.

Agora vou-lhe pedir um favor visto que Deus me pôs na minha mente para lhe transmitir, e é o seguinte, para ler na Bíblia Sagrada em Mateus 18-1-2-3 e 4, e se não tiver Bíblia, pode ler no livrinho que êu lhe envio.

Caro amigo junto envio 500\$ para uma pequena ajuda do seu lar. Par agora não me é pocível mandar mais, em virtude, de ter outros irmãos para ajudar nesta quadra natalícia.»

Abrimos com este documento de um cristão confiante em Deus que soube conquistar um fundamento sólido para a estabilidade da sua passagem pelo mundo — o lar para si e para os seus — brandindo-a arma da sua Fé. «É a Fé que vence

Cont. na 3.ª pág.

NOTAS DA QUINZENA

Já o «Duque» tinha descido as escadas, há alguns minutos, quando vi, junto das pernas da cadeira onde me sentei, gotas de lágrimas. Senti-as bem e olhei para o chão. Estávamos nas vésperas do Ano Novo. Alguns dos nossos irão a casa de amigos ou familiares, passar dois ou três dias. De há um mês para cá, em duas perguntas que os miúdos fazem, uma quer dizer Ano Novo. Mais do que um mito é o coração, apesar das profundas contradições por que a maior parte deles já passou na vida familiar. Assim também o «Duque» merecia ir a casa (que casa?). Tinha esse direito. Pelo seu comportamento, pela sua idade, por tudo... Não foi, mas chorou. Nem ele, nem nós tivemos culpa. Tinham vindo duas cartas a convidá-lo... Um sinal mau, exagerado. Outros não tiveram nenhuma. O defeito e o excesso tocaram-se.

A unidade da família tem o seu fundamento no amor. Faltando este, aí está a razão de mais do que um convite, neste caso.

Expliquei ao «Duque» por que não devia ir. Por isso, ele chorou. Compreendeu, sem culpa. Entretanto, porque era merecedor do gozo da família, se esta estivesse unida, arranjámo-lhe um outro cantinho, fora da nossa Casa. Ele aceitou e gostou. Todos gostámos.

Se todos os homens vivessem como Homens, ninguém vivia sem família. Nem tão pouco era preciso ser-se cristão, quanto mais se se é...

Outro caso: Dois casais jovens de Gondomar vieram cá não sei se pela primeira vez. Também não sei se por acaso, é que o Augusto os foi acompanhar naquela longa viagem pela nossa Aldeia. O que é certo, é que ficaram amigos. Família. Não quiseram fazer da visita uma praxe ou passeio turístico. Inscreveram a filha pequenina como assinante do nosso jornal: «Quando depois souber ler e entender, vai gostar...» Pediam que deixássemos ir o nosso Augusto passar o Ano Novo com eles. Sim. Ele só tem avó e tios. Um

Cont. na QUARTA pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS — Nesta época natalícia recebemos bastantes donativos.

De um senhor, já muito habitual, de Avanca, recebemos vinte mil escudos somados a sessenta mil vindos de outras vezes; 200\$00 de Maria Odete Castro, dos Carvalhos; 1.000\$00 de D. Amélia Guerra, do Mercado da Figueira da Foz; do assinante n.º 30004 da Figueira da Foz, 100\$00; de Vidago e do assinante n.º 31936, recebemos 300\$00 e deseja «...desde os mais pequenitos até aos mais responsáveis, um Feliz Natal e que o bem-fazer seja o dia-a-dia e o símbolo de Pai Américo.»

Do assinante n.º 31474, a quantia de 5.000\$00 apresentando votos de um santo Natal; de Edgar Forte Rei, a quantia de 1.000\$00; assinante n.º 30284, presente com 200\$00; do Bombarral, 500\$00; de Coimbra 200\$00; e por último, da Amadora, 300\$00.

Agradecemos e retribuimos os votos de bom Natal e Ano Novo que nos desejaram.

Vamos agora empenhar-nos na compra da aparelhagem de vozes porque a que cá temos é muito fraquinha e nas nossas Festas temos visto isso e para que não possamos ficar mal em qualquer lado, vamos ver se conseguimos uma aparelhagem potente.

Estamos, agora mais do que nunca, cientes de que só conseguiremos tocar boa música quando nos aparecer um guia ou um mestre que nos possa orientar no campo musical, dado que nós pouco ou quase nada entendemos de música.

Temos urgência de alguém que possa e nos queira ajudar nesse sentido. Apareça para nos dar orientação musical.

O NATAL — Depois do Natal, que em nossa Casa decorre sempre alegre e é para nós bastante trabalhoso, na medida em que somos muitos, corre a vida regularmente.

Na noite de Natal e logo após a consoada com as célebres batatas e a tronchuda saborosa da nossa quinta, dirigimo-nos ao salão de festas para assistirmos a um ensaio, quase geral, das Festas anuais que este ano levaremos a muitos Amigos nossos.

Todo o salão estava enfeitado dando bem a entender e a enquadrar a quadra natalícia. O Gonzaga também andou numa grande azáfama no concerto da luz, porque havia vários fios estragados por causa do temporal. Mas valeu a pena todo este trabalho pois só assim se fez um bocadinho de convívio animado e divertido nessa noite natalícia.

O Mário, com a sua graça e boa disposição, soube desempenhar bem o papel que lhe atribuíram. Também o «Sete e Quinhentos», com a sua graça habitual (Quem não se recorda da «Rosa», da nossa última Festa?), soube mostrar que é capaz de desempenhar bem qualquer papel

teatral apesar de ser um amador, como o somos todos.

Mas, a atracção principal foi o Neca, que já de si tem um ar de graça muito especial, do qual todos gostámos. Soube ser um apresentador humorístico para que o serão não caísse em monotonia. Enfim, todos estiveram mais ou menos bem no palco, mostrando assim e até encorajando o P.e Abel que pode confiar no tempo gasto em ensaios e preparação para a nossa Festa.

Uma grande parte dos Rapazes gostou e soube dar valor aos recreios que se perderam na preparação, ao passo que outros, e muito correctos, não acharam a Festa do seu inteiro agrado. Acho que não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo, e por isso e nestas coisas de teatro tem que haver sempre quem desgoste. Mau era que assim não fosse!

Logo a seguir foi a Missa da meia-noite, que se costuma designar, em alguns locais, por «Missa do Galo». Na Missa, os Rapazes que tocam mais assiduamente no Conjunto, acompanharam alguns cânticos que, pela falta de experiência, saíram um pouco mal.

Como cá em Casa o «Pai-Natal» não pode ser rico, porque não tem meios para isso, fomos receber as prendas ao salão de festas. Houve alegria e maior nos mais pequenos, com os brinquedos nas mãos, os quais trocavam uns com os outros por aquilo que mais lhes interessava. Coisas dos pequenitos...

Cada um recebeu um sapatinho para pôr ao pescoço. No dia seguinte houve quem andasse com seis e sete. São as trocas!

Fomos de seguida saborear o delicioso leite com «Nesquik» ao refeitório, acompanhado de rabanadas e sandes.

Com uma noite exausta, uma madrugada repousante foi a compensação. Dormimos até ao meio-dia. E houve quem aproveitasse este tempo ficando a dormir até em cima da hora!

O dia de Natal correu alegremente com o almoço melhorado, que não pode ser todos os dias porque somos muitos; e depois do cafézinho, os mais velhos fumaram um cigarrinho, no nosso bar.

E assim decorreu o nosso Natal/78. Antes de acabar queria dar, em nome de todos nós, um obrigado aos amigos que ajudaram na resolução do grande problema que é o de arranjar-nos prendas, mais propriamente brinquedos, etc.

Também um agradecimento a todos os nossos amigos e aos assinantes do nosso jornal que nos enviaram os seus cartões de Boas Festas. retribuimos, pois nunca é tarde demais!

«Marcelino»

DESPORTO — Terminou mais um convívio desportivo organizado pelo nosso Grupo Desportivo.

Todas estas movimentações desportivas são muito dispendiosas. Mas, com a ajuda de algumas casas comerciais da zona e ainda alguns indivíduos, conseguimos arranjar uns prémios, que dentro do razoável compensaram o esforço dispendido por cada atleta.

Pensamos realizar um outro fes-

tival em meados de Junho. Portanto, toda e qualquer ajuda que até lá possa vir, por mais pequena que seja, será uma grande ajuda pois também pertencemos à classe dos pequenos.

Estas provas contaram com a participação de 265 atletas distribuídos por três modalidades: Ténis de Mesa — Federados, 20; Ténis de Mesa — Populares, 60; Damas, 68; Atletismo, 1500 metros, 36; 3.000 metros, 32; 13.000 metros, 49.

Como se vê, houve movimentação de muitos atletas. Isto demonstra que a juventude, e não só (pois houve atletas com 40 anos), ama o Desporto.

Os nossos atletas, conforme as classificações a seguir, têm progredido dia após dia. Para que eles sintam ânimo suficiente para continuarem esse progresso, é necessário que sejam acarinhados e que melhores meios de prática da modalidade lhes sejam proporcionados.

Eis as classificações:

Ténis de Mesa — Federados: 1.º Américo Rocha (Ténis de Rebordosa); 2.º Carlos Barbosa (A. R. Novelense); 3.º Adão Moreira (Novelense); 4.º Pacheco (T. Rebordosa); 5.º Fernando Malheiro (Novelense); 6.º Abel Neves (T. Gandra); 7.º Joaquim Queiroz (T. Rebordosa) e 8.º José Sá (T. Gandra).

Por equipas venceu o Ténis de Rebordosa com 7 pontos; seguido do Novelense com 6 e do Ténis de Gandra com 4.

Ténis de Mesa — Populares: 1.º Luis Gonzaga (D. C. Gaiato); 2.º Manuel Gomes (D. C. Gaiato); 3.º Fernando Ferreira (Novelense); 4.º Aurélio Pinho (Novelense); 5.º Manuel Barbosa (Individual); 6.º José Pacheco (L. C. Retorta); 7.º Alberto Monteiro (Novelense) e 8.º Joaquim Pinto (Novelense).

DAMAS: 1.º Manuel Veiga (D. C. Gaiato); 2.º Miguel Capela (L. C. Retorta); 3.º Almiro Magalhães (L. C. Retorta); 4.º Adriano Balduino (Individual); 5.º Mário Póvoa (D. C. Gaiato); 6.º António Joaquim Barbosa (D. C. Gaiato); 7.º José António Mota (L. C. Retorta) e 8.º José Martinho (Individual).

ATLETISMO: 1.500 metros — 1.º Maciel Ribeiro (G. D. S.ta Lúzia); 2.º Avelino Silva (L. C. Retorta); 3.º Manuel Garcês (L. C. Retorta); 4.º Carlos Pedro (Individual); 5.º Carlos A. Gomes (D. C. Gaiato); 6.º Carlos Tadeia Mendes (D. C. Gaiato); 7.º Armando Pinheiro (G. D. S.ta Luzia); e 8.º José B. Ferreira (Novelense).

3.000 metros — 1.º José António Ferreira (Novelense); 2.º José António S. Ferreira (L. C. Retorta); 3.º José Pinto (L. C. Retorta); 4.º António F. Almeida (D. C. Gaiato); 5.º António Neves (D. C. Gaiato); 6.º Vitor R. Pires (D. C. Gaiato); 7.º Henrique Barros (D. C. Gaiato); e 8.º Paulo D. Vieira (D. C. Gaiato).

13.000 metros — 1.º José Escalera (D. C. Gaiato); 2.º João R. Ferreira (Novelense); 3.º Álvaro Candeias (D. C. Gaiato); 4.º José Coelho Silva (Irivo); 5.º José António Monteiro (Novelense); 6.º Adão Moreira (S. Lourenço); 7.º Manuel J. Morgado (D. C. Gaiato); e 8.º Luís A. Pinto (L. C. Retorta).

Por equipas: 1.º D. C. Gaiato — 11 pontos; 2.º A. R. Novelense — 16 pontos; 3.º Irivo — 31 pontos;

4.º L. C. Retorta — 33 pontos e 5.º S. Lourenço — 50 pontos.

Reiteramos os nossos agradecimentos a todos quantos prestaram o seu valioso auxílio a este convívio desportivo, esperando que ele se mantenha noutros e não só, mas também haja novos nomes na lista dos contribuintes.

Manuel Gomes

Tojal

ESCOLA — Terminou o primeiro período. Dos Rapazes desta Comunidade a frequentar o Ensino, desde o Primário até ao Unificado, apenas sei as notas que obtiveram os da Telescola; notas que foram, na maioria, bastante satisfatórias. Espero que todos tenham aproveitado o máximo dos conhecimentos ministrados, alvo por vezes de algumas críticas e em determinadas matérias muito controvertidos.

Num dos números anteriores de O GAIATO, foi referido o estado em que se encontra ou para que caminha o Ensino no nosso País. Venho agora, por imperativo de experiência própria, fazer referência ao mesmo tema.

Estão envolvidos no Ensino tanto os órgãos do Governo respectivos, como os professores e os próprios alunos. Parte-se do princípio que os últimos, os alunos, terão sempre de «beber», de apreender os conhecimentos que, com ou sem isenção, são dados nas aulas e sobre os quais são feitas chamadas, exercícios, trabalhos, etc.

Mas, dir-me-ão, há um programa a cumprir, superiormente elaborado que não admite desvios... Talvez não. Mas quem garante a isenção desse programa? Quem garante a isenção daqueles que vão ser os veículos transmissores desse programa? Que me desculpem os professores, mas há casos em que ponho algumas reservas. Por exemplo, na disciplina de História a visão marxista desta parece ter-se implantado. De tal modo que neste momento não sei se existe outra maneira de a encarar. Talvez por ingenuidade ou por «artimanhas do passado» tinha (tenho) em mente algumas opiniões acerca dos nossos reis, dos nossos navegadores, dos nossos heróis de além-mar, que vejo agora, com espanto, serem autênticas «mentiras»! O mesmo acontece com a actividade da Igreja em toda a História desde os tempos mais remotos. Pensava que esta tivera desde sempre um papel preponderante na vida da Humanidade, por vezes com erros, é certo; vejo vir tudo a resumir-se numa sinistra e contínua «inquisição»! Deduzo ter muito a aprender, o que não está longe de ser totalmente verdade.

Mas nem sempre são as correntes de opinião vindas dos docentes que causam admiração ou deixam uma pessoa baralhada. Casos há em que por uma impreparação manifesta destes, alunos mais «vivaços», previamente submetidos a autênticas «lavagens ao cérebro», monopolizam as aulas, levantam controvérsias e aca-

bam por ridicularizar os professores e aquilo que eles ensinam.

É certo que os alunos têm um papel a desempenhar no Ensino. Mas, não este. Creio que devemos lutar por uma isenção verdadeira dos professores, em relação àquilo que é o programa. Talvez seja utópico pensar assim, uma vez que cada forma de Governo, cada regime, tende «naturalmente» a impor a sua doutrina. Daí a existência de duas ou mais «verdades» acerca de um mesmo assunto.

Penso que devemos exigir aulas a tempo e horas, professores bem preparados e cumpridores, instalações bastantes e em condições aceitáveis. Devemos ainda ter outra exigência. Esta para conosco próprios... A matrícula obriga à frequência... assídua e interessada.

O que não se deve ter é a veleidade de quereremos ser nós a ditar o programa ou a impor a matéria de cada aula. É por estas e por outras parecidas, vindas de pessoas mais responsáveis, que se aconselha, por exemplo, a eliminação completa da disciplina de Latim do curriculum de alguns cursos só porque é a língua oficial da Igreja. Ou então em História não se falar sequer em patristica e escolástica porque isso refere padres e estes «são casos perdidos da nossa sociedade»!, conceito muito enraizado nas ideias que por aí circulam.

Isto é um desabafo que queria ter convosco e é também uma pequena revelação para aqueles que estão mais ausentes da Escola mas não desinteressados daquilo que por lá se passa.

Jorge

Miranda do Corvo

NATAL — Os homens, os corações abertos, inundando-os a beleza viva da mensagem ideal. O Presépio, renascimento humano para a vida intensa, rumo à felicidade eterna.

Natal!
Os homens, os corações rasgados, chagados pelo furor de gritos fortes na revolta contra as suas misérias.

Natal Paz!
Natal Alegria!
Natal Amor!

O Natal não é guerra, assassinato, suicídio, morte prematura e violenta, destruição dos irmãos pelos irmãos. O cadáver, o mutilado, o inválido, a alienação do ser racional.

O Natal não é desarmonia, falta de sorrisos nos olhos e de alma cristalina. O triste que denominamos como miserável e que chora lágrimas de sangue com o desespero por que marginalizado.

O Natal não é desconfiança, hipocrisia, insulto, exploração, opressão, desprezo, tentativa de ignorar o Próximo quando, cegos pela limosa e asquerosa ambição, embirramos na busca dos poderes — o poder, a riqueza, o vício, o prazer...

Nós acreditamos que o mundo acaba e se tornem realidade as palavras bíblicas. O mundo que é o pecado, depois de perecer ante a força do



AGORA

Cont. da 1.ª pág.

o mundo.» A Paz que Cristo nos deixou é o termo de uma luta decidida por uma causa justa. Este operário experimentou-o e passa o testemunho a outro, pequeno como ele, capaz como ele de realizar o seu sonho. Por isso não envia apenas a sua ajuda material, mas junta a sugestão de uma pista espiritual, muito mais valiosa, por onde não seguirá, enganado: «É dos Pequenos o Reino dos Céus». «É a eles que o Senhor se compraz em revelar o que esconde aos poderosos e soberbos.»

O caso deste trabalhador da Falagueira, dado a conhecer no jornal de 18/11, despertou muita gente. É um engenheiro de Lisboa com 5 contos. Outro de Cerveira com o dobro. Mil do Porto e este recado de M. M.:

«Acabo de ler em O GAIATO o S.O.S da «Grande Lisboa».

O heroísmo obscuro e discreto de passar privações; a coragem de vencer um vício; a tenacidade de trabalhar até à exaustão — tudo isto para obter uma casinha — um Lar — a esperança de uma vida melhor! Quem poderá ficar indiferente? E atrevo-me a fazer uma su-

gestão: não haverá para aí mais uns quantos portugueses de boa-vontade que possam tirar igual (ou superior ou inferior) quantia ao seu subsídio de Natal, neste mês em que todos nos sentimos mais irmãos?

Pois demos as mãos e vamos ajudar este nosso irmão a levantar os alicerces do seu Lar e o nosso Natal terá um sentido mais justo, mais próximo de Jesus de Nazaré, a quem os homens do seu tempo negaram uma casa para nascer!

Recebi hoje o meu ordenado. Por isso aí vão, com muita solidariedade, os 1.000\$00.»

Podemos até dizer que o movimento de donativos nestes derradeiros tempos, afora as contribuições daqueles grupos habituais, foi motivado por este caso. Ora há nisto um apoio demasiado no sentimento das pessoas.

O problema da habitação é, na verdade, um problema primeiro, cuja extensão e gravidade se mede por grandes números. Hoje os meios de comunicação social falam nele com alguma frequência. Se não for por conhecimento directo, ao menos por este, é muito menor a justificação de ignorância. E o problema tem de sentir-se,

não só com o coração mas com o sentido da justiça que há a desenvolver em cada um de nós, o qual não reage apenas por causa de um ou outro S.O.S. mais expressivo, mas pelo reconhecimento dum mal que aflige milhares de famílias e pede cura. Ninguém pode dá-la só por si, mas cada qual pode e deve cooperar, já que nem do Estado se pode esperar a solução definitiva.

É o que pensa esta Maria, de Lisboa:

«É meu hábito enviar só o vale de mil ou mil e quinhentos conforme o disponível e deixar ao vosso critério a aplicação do dinheiro, conforme o que mais vos convier.

Mas desta vez resolvi escrever algumas linhas para pedir o favor, caso não vos seja necessário para questões mais prementes, de o canalizarem para os auto-construtores. Eu sei bem que todas as questões das vossas Casas, de todas as secções do jornal O GAIATO são bem prementes, mas na secção «Agora» é diferente porque hoje em dia o lar cada vez é mais difícil de conseguir e tem prioridade sobre todos os outros problemas.»

É o que fazem os grupos já

Bem, deixará de parecer para ser a valer. O Paraíso, estabelecer-se-á a união, estaremos uns para os outros, seremos justos. Utopia? Desacreditamos que o seja. Não somos fracos pelo facto de sermos humanos, mas somo-lo porque queremos.

No nosso Natal caminhámos e comungámos juntos, pobres e simples e somos felizes. Rezamos porque queremos acabar com o mundo-pecado.

O Menino, singelo, dá presentes a todos.

Fazemos festa e não convidamos inimigos porque não os há. Só temos Amigos.

Podemos ser melhores com o exemplo positivo dos outros.

Benjamim

NOVO ANO! — Fumo enrolando luz multicolor de luzes psicadélicas. Música estonteante provocando o prazer lascivo escorrendo em suor de corpos semi-nus.

Fumo e droga.

Começa um novo ano.

Nos espaços interiores dos jornais nada muda: «Um grupo de jovens foi detido por haver em sua posse alguma quantidade de droga variada». — Jovens, vós sois a minha esperança e a esperança do mundo. Alegria!

Um novo ano principiou.

«Mais um grupo de delinquentes juvenis apanhado furtando automóveis...»

Esperança!

«A situação política vai melhorar!» Pequeno Portugal que tão grandes perspectivas dá à tua nova seiva!...

— Jovens vós sois a minha esperança e a esperança do mundo.

Que responsabilidade!

Somos tema. Todos escrevem. Todos dão conselhos. Poucos dão exemplo. Uns destroem-nos criticando, outros louvam-nos criticando. Somos o pior: «A juventude está perdida».

Somos o melhor: «Na generosidade e força da juventude está o futuro do mundo».

...

Afinal quem somos, jovens?...

NOTAS DE UM CONVÍVIO — Durante dois dias apenas. Valeu a pena?...

Parafrazeando Fernando Pessoa eu digo: «Tudo vale a pena quando a alma não é pequena». E quando se é jovem a alma não pode ser pequena.

Tema: Inquietação.

Recebemos testemunhos de outros jovens inquietos. Sentimos de perto o que é ser jovem e ser jovem de carácter. Vivemos de mais perto o carácter puro do Jovem mais jovem da História: Jesus Cristo. Procurámos o Seu nascimento. Viemos mais jovens.

«Lita»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Assinante 13519, 500\$00 «do mês de Dezembro». 100\$00 «por alma de Joaquim». Mais 100\$00 do António, «com um abraço». Três vezes mais de Ponte do Góve. «Uma portuense qualquer» dá boas notícias:

«Quando enviei a migalhinha relativa ao mês de Novembro, para a

Conferência, prometi que voltaria antes do Natal.

Aqui estou, pois, a cumprir, enviando 300\$00 retirados do meu subsídio de Natal para ajuda das despesas «extras» desta quadra natalícia e, ao mesmo tempo, junto mais 200\$00 referentes à migalhinha de Dezembro.

Confiando na ajuda do Senhor, espero no próximo ano de 1979 recomençar a enviar estes bocadinhos para, por vosso intermédio, também ajudar um pouquinho os Irmãos necessitados.»

Cabeceiras de Basto, 100\$00. Assinante 11162, o dobro. Rua das Amoreiras, Lisboa, 300\$00. Presença amiga de S. Mamede de Infesta. Assinante 28053, 200\$00. Mais 300\$00 do casal-assinante 17022. Um bom amigo da Av. Marquês de Tomar, Lisboa, com 250\$00. Mais Lisboa: 300\$00 de quem pede «o anonimato como de costume». «Eu e ela» estiveram cá e partilharam com muita alegria e amizade. Outra remessa delicada proveniente da Rua dos Bombeiros Portugueses, Faro. Um cheque da Rua Sidónio Pais, Oliveira do Douro. «Assinante do Seixal» marca presença ininterrupta por vale do correio. Sobras de contas com O GAIATO, de S. João da Madeira. Rua Saraiva de Carvalho, Lisboa, 200\$00. No Lar do Porto, 900\$00 do assinante 9092. Rio Tinto, 500\$00. Cheque da Avenida Fernão de Magalhães, Porto. Mais 2.500\$00 de Lisboa. Mais 200\$00 de pessoa amiga da sr.ª D. Hortência.

Retribuímos, com muita amizade, votos de santo Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

citados que há tantos anos marcam presença sem cansaço. Supunhamos que ao lado dos empregados da ex-HICA que reuniram nos últimos três meses 3.156\$20 e dos da Caixa Têxtil que somaram no mesmo tempo 2.220\$00, supunhamos que tínhamos todos os funcionários da Previdência e os das grandes Empresas como a Electricidade de Portugal — quanto se não juntaria...! Mas falta aquele sentido social generalizado, por que foram tocados estes desde que Pai Américo abriu a campanha do Património dos Pobres e que não agem por este ou aquele caso que mais os impressiona, mas por um dever que se impuseram e cumprem com amizade.

Também os «Bairristas do Palácio» aí vêm todos os Outubro desde há 23 ou 24 anos, e ainda se não aborreceram. Desta feita deixaram, de migalhas dos seus componentes, três mil oitocentos e sessenta e quatro escudos e cinquenta centavos.

No mealheiro do Sá da Bandeira, 11.300\$00 que arredondámos para os doze. E há a presença tão simpática do J.P.R. no nosso Lar, todos os meses (e às vezes mais que uma vez) com os seus 500\$00 de cada. E M. M.-A. L. que ao longo dos anos tem depositado no Espelho da Moda soma que se contará por centenas de contos. E a Maria, de Ois da Ribeira, tão certinha. E a Alda do Ribatejo, agora no Barreiro. E «Cruz», da Beira, hoje na Figueira da Foz. E mais mil da Casa de Nossa Senhora do Carmo e cinco vezes mais do da Casa Carolina e «três gotinhas» para a Casa de Santa Filomena.

Outros se vão prendendo. É uma Laurinda, do Porto: «Formidável, porque o pouco que se mande, mais rende e mais beneficia, pois não há lucros estranhos. Com a maior alegria vou iniciar uma série de dádivas. Vão ser pequenas, pois sou viúva e com poucos recursos». Mandou 500\$00. E uma Laura, de Lisboa: «Estes quinhentos escudos por mês que me propuz, são com certeza uma gota no oceano das necessidades que existem. Tenho fé em Deus que um dia o meu marido compreenderá estas coisas pela Fé e então, sim, poderá vir a ser mais e melhor.»

Um casal velhinho, vivendo os seus dias no Lar do Comércio, vem, com muita delicadeza, entregar 50 contos, dos quais metade para o Património. «A primeira pensão de reforma de um padre qualquer»: 2.760\$00 «Qualquer» para o mundo. Como se nomará dele no Céu?

Mil de um Manuel, de Braga. Duzentos de quem não pôde assistir à nossa Festa. Trezentos do Porto e «peço a Nossa Senhora que os ajude nessas construções que tanta falta fazem». Hoje é o primeiro dia do ano, Festa da Mãe de Deus e nossa Mãe. N'ela confiamos. Outra vez o Porto com 600\$00 e ainda mais uma com 5 contos: «Como renunciei ao passeio que tencionava dar, eis o que pude dispor para os auto-construtores, a quem continuo em dívida até quando Deus quiser. É a Obra que mais me

agrada e apaixona. Sei que só com muita coragem é que se poderá ser auto-construtor». Deve ser pessoa que sabe por experiência o que é realizar na pobreza de meios um projecto que a Deus se confia.

Mais 1.000\$00 à porta do Lar para o que entendêssemos. Entendemos que para a Auto-Construção, «Obra que também muito nos apaixona». Quem dera pudéssemos fazer muitas vezes destes desvios!

Agora é Mora, de alguém a passar os 90 anos que quer empregar aqui as primícias do que recebeu nestes últimos quatro anos: 5 contos. E Sousel, também no Alentejo, «em memória de meu Pai que, com a ajuda de Deus, unicamente foi o construtor da sua vida, porque trabalhou para poder estudar e mais tarde, com a colaboração da esposa, formou dois filhos, com tantos sacrifícios de ambos. Parece-me uma justa homenagem destiná-la aos auto-construtores».

«Uma portuguesa solitária» com 1.000\$00 e «sinto que tenho este dever de participar numa Obra que devia ser de todos os portugueses. Eu, que não tenho casa própria, sentime-la feliz por colaborar na realização de um sonho que nunca pude conseguir».

Na nossa Casa do Tojal doze mil escudos e mais 10.100\$00, de várias origens. De perto, S.to António dos Cavaleiros, 600\$00. Menos cem de uma visitante, «com pena de ser pouco». De Lisboa, «junto uma pequena importância (140\$00) que vou fazer o possível para enviar todos os meses». 370\$00 do Faustino, que já tem o seu andrizado em Ermesinde. Mais mil, não sei de quem nem donde. Igual quantia da mesma sorte, no Espelho da Moda. Outros mil de Armamar, promessa de 500\$00 que um espírito de acção de graças faz dobrar. Duzentos de Deolinda. Três mil de «Violeta». Quinhentos da R. de Monte Alegre. 6.200\$00 «para algumas telhas: «Sim, eu também quero ir na procissão do Agora». Quinhentos do assinante 9022. Mais mil no Espelho da Moda. Metade, de Vouzela. 750\$00 de Helena e de «um pecador», depositados no Montepio Geral em Lisboa. Cinco mil de A. R. P. Lisboa. E cinco vezes menos de «Zé-Ninguém»: «Faço hoje muitos anos de casada e, por tal motivo, como de costume, envio-vos a prenda que seria para nós. Sinto muita satisfação por saber que irá contemplar um irmão mais necessitado. Nós estamos no fim da vida; qualquer coisa nos basta. Um grande abraço para todos e beijos para os «Batatinhas» destes dois velhos».

Não sei quanto somará o que aí se noticia. Só sei que a longa e crescente fila dos que nos batem à porta espera de vós a resposta que havemos de dar-lhes.

P. S. — No ano que findou passaram por nossas mãos 907.850\$00 que ajudaram a tornar realidade o «sonho» de 177 Famílias.

Padre Carlos

AQUI, LISBOA!

«Falta no mundo quem dê atenção e ouça histórias de vidas esmagadas.» (Pai Américo)

Já há anos fizemos nestas colunas uma série de considerações, ainda que ao de leve, sobre os «Direitos da Criança», mais concretamente na altura da sua elaboração. Procuraremos neste novo ano, o «Ano Internacional da Criança», abordar alguns problemas mais candentes, ao sabor das realidades que se forem apresentando, sem preocupações especulativas e sistemáticas, que isso é trabalho para estudiosos. De resto, destas colunas, na peugada de Pai Américo, não se devem esperar grandes teorias, pois, na sua humildade, quem aqui escreve, mais não aspira que denunciar as situações de injustiça de que são vítimas inocentes as Crianças, procurando, por outro lado, sugerir ou narrar medidas práticas de se fazer algo em seu benefício. «Non verba sed res» será a nossa divisa; palavras só as que forem precisas para comunicar o nosso compromisso, que desejáramos sempre mais compenetrado e incisivo, sem arabescos ou floreios. Trinta e nove anos já leva a Obra ao serviço da Criança, e não só, sem desânimos ou tergiversações. Devemos dizer, porém, habituados como estamos aos caudais de palavras inconsequentes, que se nos agrada ver a Criança alvo de todas as atenções, também não alimentamos grandes ilusões sobre os frutos práticos do que se irá passar este ano, sem uma mudança radical das mentalidades das pessoas.

Passou há cerca de dois meses a Televisão francesa uma película sobre as «Crianças mártires», vítimas das violências e dos maus tratos dos pais. Logo depois, num jornal belga, embora sem cifras muito precisas, surgiu a dolorosa denúncia de

que, entre os 1.200 a 3.800 meninos belgas maltratados, torturados e martirizados anualmente por seus pais, cem morrem todos os anos, à razão de dois por semana, entre a passividade das estruturas sociais. Dados obtidos por analogia, em países de civilização e cultura similares, deixam-nos os cabelos em pé. Assim, segundo a mesma fonte, nos Estados Unidos estima-se que 600.000 Crianças são em cada ano voluntariamente golpeadas, queimadas (sobretudo com cigarros), asfixiadas ou privadas de alimentos; na Grã-Bretanha, cerca de 700 pequenitos são golpeados até à morte por ano; 400 menores de um ano encontram-se com lesões cerebrais permanentes em virtude de maus tratos e, segundo a Associação Inglesa de Pediatria, calcula-se em 4.600 o número de crianças sujeitas a sevícias por ano; no Canadá, com cerca de 22 milhões de habitantes, computa-se que há anualmente cerca de 4.860 crianças sujeitas a maus tratos, das quais morrem entre 96 e 144; da Holanda não dispomos de números, mas há indicação de que tudo se processa dentro da mesma linha.

O articulista belga, que se funda em estatísticas oficiais de vários países, pergunta como é possível que milhares de lactantes e de crianças possam ser lentamente torturados ou feridos até ao ponto de ficarem mutilados ou afectados mentalmente. Acrescenta ainda que o hábito de maltratar as crianças não é próprio duma dada classe social ou de determinado nível cultural e que a atitude criminosa dos pais ou de um deles se vê amparada pela falta de denúncia dos vizinhos mais próximos.

Em Portugal o que sucederá? As estatísticas, infelizmente, não são também o nosso «forte»... Podemos afirmar, contudo, que se detectam sinais evidentes de maus tratos ou de violências dos pais variados tipos. Na nossa vida de padres da rua já encontramos crianças de tenra idade vítimas directas do álcool, como por exemplo e ao correr da pena, uma com um braço partido e duas que só tinham autorização para dormir às tantas da noite, porque eram obrigadas a estar acordadas enquanto os pais o estivessem. As consequências estão à vista. A Televisão Portuguesa, ainda há pouco, deu conta das angústias e maus tratos de que eram vítimas duas crianças, uma delas bebé; poucos dias depois, citando fontes policiais, informou que uma mulher fora encontrada com uma criança numa alcofa, subnutrida, com cerca de mês e meio.

Muito haveria a dizer sobre este assunto, e dele esperamos voltar a falar. Se os «expostos da roda» não são já correntes, é preciso andar de olhos tapados para ver que os «expostos» continuam. As violências são de vários tipos, por omissão ou por comissão. Na fotografia que publicamos nestas colunas pode ver-se uma mulher com dois



À entrada do Parque subterrâneo dos Restauradores, uma mulher com dois filhos de tenra idade, deitados no chão, sujeitos ao frio e à humidade.

ou três filhos de tenra idade, deitados no chão, sujeitos ao frio e à humidade. Quais as consequências? Não importa considerar agora as motivações, a requerer pertinente atenção das autoridades, aliás. Pelas ruas de Lisboa multiplicam-se espectáculos similares, sem que ninguém nos ouça ou dê atenção, embora nós saibamos que O GALATO é um jornal sem expressão, pobre e sem ligações, graças a Deus, aos poderosos do Mundo ou detentores dos meios de decisão. A nossa força é apenas moral e os nossos meios de decisão são escassos, mas, desde já, repetimos, tencionamos voltar ao assunto com as armas, aliás pacíficas, de que

disponos, ao serviço de Deus e dos Homens.

● Não podemos deixar de assinalar a estima e a confiança que nos dedicam os Amigos. O Natal foi para todos uma enxurrada de mimos e de gestos de rara beleza. O primeiro responsável desta Casa quer aqui referir como se sente confuso por tudo e como desejaria corresponder, em entrega e dedicação, ao amor de que somos alvo, procurando, na linha de Pai Américo, contribuir para um Natal permanente, que só assim uma Casa do Galato o será.

Padre Luiz

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da PRIMEIRA pág.

dia qualquer, fez um desenho com a Ponte D. Luís, no Porto, e uma pessoa a atirar-se de lá abaixo. Perguntaram-lhe quem era e ele respondeu: «É a minha mãe».

Na vinda do Ano Novo, o Augusto trouxe uma carta que dizia assim: «Padre, quero agradecer-lhe em meu nome e no da minha família o ter-nos proporcionado a visita do Augusto Bonifácio».

Cumpram-me dizer-lhe que ele se portou excelentemente... Assim, apenas desejo acrescentar a promessa de que, logo que tenha oportunidade, voltarei a essa Casa».

Por tudo isto a nossa vida é bem misturada pelo amargo-doce de cada caso, cada situação!

Dois casos deste Ano Novo a darem luz à nossa esperança em dias mais felizes, se os homens quiserem, claro!

Padre Moura

Cont. da 1.ª pág.

a motivarem acções de discriminação e de luta pela supremacia de uns, para submissão ou eliminação de outros — pano de fundo em que a criança desperta para a vida. Mas isso exige toda uma reconversão que tem de começar nos indivíduos e prosseguir nas células mais elementares da sociedade até à dimensão da Humanidade inteira. É para a Humanidade inteira e para cada homem que a constitui que Cristo fala, quando aponta aos Seus Discípulos o pequenito que chamou a Si e os previne: «Se vos não tornardes como este, não entrareis no Reino dos Céus». E acrescenta uma maldição, tantas vezes verificada na história que os homens escrevem ao invés do Evangelho: «E quem

escandalizar uma destas criancinhas disposta a crer em Mim, melhor lhe fora uma pedra presa ao pescoço que o mergulhasse no fundo do mar».

Sim, o mundo é escândalo para a criança. É o ambiente malsão que os adultos geram que corrompe a criança. Começa por lhe não facilitar o exercício da luta e a aprendizagem da vitória sobre os seus naturais defeitos. E depois corrompe-a mesmo.

Grande oportunidade de meditação este Ano Internacional. Que falem à sua celebração acontecimentos espectaculares, pouco importa. Essencial é que a Humanidade procure, seriamente o melhor de si própria que deve à Criança e mude em si o que for necessário para lhe dar.

Se assim não for, o Ano será mais uma solene inutilidade, mais uma palavra vã a rasgar.

Padre Carlos

Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Galato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa